

Quantos pais vão escolher

O ANÚNCIO de que a escolha da escola será alargada ao ensino básico, no modelo já vigente para o secundário, a partir do próximo ano lectivo, levantou um coro de protestos e um mar de dúvidas.

Porém, se despidos de preconceito, conclui-se que as dificuldades e constrangimentos relacionados com a implementação de um serviço público de educação que respeite a escolha da

**Francisco
Vieira e Sousa**
FLE - Fórum para a
Liberdade de Educação

escola são inerentes a qualquer sistema de escolha ou, genericamente, a qualquer sistema que respeite a liberdade.

Senão vejamos: é por haver escolha que todos os alunos vão poder frequentar a escola que desejam? Pois com certeza que não. Mas

também não é por ter liberdade de voto, que todos têm o representante político que prefeririam. Será possível escolher entre qualquer escola, em igualdade de circunstância? Naturalmente que não; terão de existir, como existem para o ensino secundário, critérios preferenciais, desde logo a proximidade da área de residência. Como se compreende, em caso de sobrelotação, as

uma escola melhor?

escolas terão de dar preferência aos alunos da área de residência, sob pena de estes se verem obrigados a frequentar uma escola distante, quando têm oferta à porta de casa. Esta e outras restrições vão beneficiar alguns alunos face aos restantes? É evidente que sim.

QUEM, por sorte ou capacidade financeira, habitar perto de uma boa escola,

vai ter preferência no acesso a essa escola. Mas essa é também a realidade com a democracia: basta andar por este país fora e comparar municípios e presidentes de câmara.

E os pais, será que estão preparados para escolher a escola para os seus filhos, ou serão (mal) influenciados por factores laterais à aprendizagem? Pois não sabemos, como não sabemos se os portugueses fazem bom uso do seu

voto, mas não é por isso que deixamos de preferir a democracia sobre qualquer outro sistema político.

De facto, o problema não está na escolha da escola nem no exercício da liberdade. Está, sim, na ausência de espírito de liberdade que nos domina, como reflectem estas inquietações. Se assim não fosse, a primeira preocupação não seria saber se quem mora ao pé de uma boa escola fica

beneficiado, mas sim quantas crianças, que agora habitam perto de escolas que são verdadeiras fábricas de insucesso, vão poder frequentar uma escola melhor.

A LIBERDADE de escolha da escola não é uma panaceia: as escolas não vão passar de más a boas do dia para a noite, e continuaremos a ter escolas melhores e escolas piores. A liberdade de escolha

cria, isso sim, as condições de base – quer por um maior envolvimento das famílias, quer por uma prestação de contas das escolas mais efectiva, quer por uma maior transparência no sistema – para que o serviço público melhore. Tal como na democracia, importa criar regras que garantam o máximo de equidade, responsabilidade e transparência, mas, no final, o exercício da liberdade caberá sempre a cada um.